
Cartografia de corporalidades na pandemia de covid-19¹

Nísia Martins do Rosário²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Esse artigo tem por objetivo produzir uma reflexão semiótica sobre a configuração das corporalidades em tempos de pandemia de covid-19, por meio de uma cartografia de notícias midiáticas e observação do cotidiano. Nesse contexto, torna-se relevante partir da abordagem do conceito lotmaniano de explosão semiótica para situar o período vivido. Entre as tantas possibilidades de construção de mapas descritivos, são apresentados aqui, no recorte desse artigo, três platôs como pontos de intensidades das observações do cotidiano e da mídia: espacialidades, tatilidades e morte.

Palavras-chave

Comunicação; semiótica da cultura; corporalidades; pandemia de covid-19

Introdução

É necessário reconhecer que a experiência da pandemia de Covid-19 é muito peculiar no que diz respeito ao modo como afeta o sistema semiótico das culturas e, por consequência, as corporalidades. A reflexão proposta toma como recorte o mundo ocidental e, sobretudo, o Brasil, no entanto, a grande maioria dos humanos vivos no planeta não tinha experienciado o isolamento social, o confinamento em casa, novas formas de trabalho, alterações no processo educacional, alteração nos modos de comunicação, necessidade de redobrar cuidados com a higienização do corpo, entre outros. Nesse cenário, novas redes de significação foram instaladas, produzindo não apenas novos códigos, mas reorganizando as linguagens e exigindo esforços nas interpretações dos textos³ culturais – levando a diversas adaptações que modificaram as existências. Nesse contexto estão incluídos também os vínculos sociais e a configuração de novas subjetividades orientadas pelo medo eminente da morte e pelo avalanche de

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação Social (PUC-RS), professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM/UFRGS) e dos cursos de Relações Públicas, Publicidade e Propaganda e Jornalismo da mesma instituição. Pesquisadora PQ/CNPq. E-mail: nisiamartins@gmail.com.

³ Texto, segundo a semiótica da cultura, é a unidade mínima da cultura, reúne um conjunto de signos em relação, articula-se nas linguagens e configura um todo articulado. Tem caráter de codificação, é portador de conteúdo que tem coerência comunicacional e que, portanto, é dotado de sentido. (Lotman, 2003).

informações, *fake news* e posicionamentos sobre a doença. Na perspectiva comunicacional do corpo, um dos aspectos relevantes é entender os processos de uso das linguagens, as ressignificações de sentidos, as alterações de códigos e as dificuldades de traduções e de interações.

O objetivo dessa reflexão é, pois, desenvolver uma reflexão sobre as corporalidades no período de pandemia de covid-19 (2020 e 2022), considerando a cultura e a linguagem do corpo pelo viés da semiótica da cultura. Para tanto, a cartografia⁴ foi o método usado para a observação e colheita de dados do ‘cotidiano’ e das mídias; o sobrevoo, toque e pouso geraram⁵ uma pasta digital com diversidade de anotações, notícias, reportagens, imagens e vídeos. Para esse texto, o reconhecimento atento⁶ foi realizado sobre três aspectos que configuraram os seguintes platôs⁷: espacialidades, tatilidades e morte.

Para iniciar as tratativas desse artigo é importante lembrar que a cultura é compreendida por Lotman (1999, 2000) como memória coletiva e mecanismo pensante na sua dinamicidade e na sua complexidade. A cultura pode ser vista como um complexo sistema semiótico. Nessa via, abriga a combinação de vários sistemas de signos com codificações próprias, o que nos permite entender a signicidade como um dos fundamentos da cultura. Tais sistemas de signos encontram diversos níveis de organização e necessitam de normatizações para seu funcionamento, mas é na relação entre eles que a cultura se estabelece – e, nesse sentido, a cultura representa um *mecanismo poliglota*, afirma Lotman (2000).

Um ponto fundante, e que consiste num dos fundamentos da cultura, é o da semioticidade (MACHADO, 2003), ou seja, a constituição de um complexo sistema semiótico em que se configuram variados sistemas de signos com combinações e codificações próprias, diversos níveis de organização que necessitam de regras e normas para o seu funcionamento. Para Lotman e Uspenski (In LOTMAN; USPENSKI; IVANOV, 1981) a cultura é compreendida como sistema de linguagens que se atualiza no texto, sendo que Lotman (1999, 2000) complementa o conceito concebendo a cultura

⁴ A cartografia é um método inspirado no pensamento de Gilles Deleuze e Felix Guattari, apropriado e desenvolvido por autoras como Sueli Rolnick e Virginia Katrup.

⁵ Sobrevoo, toque e pouso são três dos aspectos de funcionamento da atenção, conforme Virgínia Kastrop (2007) e que ajudaram no desenvolvimento da cartografia.

⁶ Quarto aspectos do funcionamento da atenção, conforme Virgínia Kastrop (2007).

⁷ Ainda outros platôs foram identificados, mas não são trazidos aqui: platô do vestuário, platô dos afetos, platô do isolamento, platô das biopolíticas, platô das necropolíticas.

como memória coletiva e mecanismo pensante, sempre dinâmica, carregando alterações graduais e alterações súbitas, com variadas intensidades. Desse modo, “a cultura não somente luta contra o “caos” externo, mas dele também necessita; ela não somente o destrói, como continuamente o cria” (IVANÓV et al, In: MACHADO, 2003, p. 101) e, nessa via, a conclusão é bastante evidente: “cada tipo de cultura historicamente dado tem seu próprio, e somente a ele peculiar, tipo de não cultura” (Ibidem). Sem dúvida, em muitos aspectos, a pandemia de covid-19 operou como esse “caos externo”, ao qual não se estava acostumado e foi necessário se adaptar.

Parte-se do pressuposto de que o corpo se expressa comunicacionalmente por meio da cultura e da linguagem e, de acordo com Lotman e Uspenskii⁸ (In LOTMAN; USPENKII; IVANOV, 1981, p.35 e 60), a linguagem pode ser definida como “todo sistema de comunicação que utiliza signos ordenados de modo particular” cumprindo, assim, uma função semiótica e proporcionando “ao grupo social uma hipótese de comunicabilidade”. Se considerarmos a linguagem, conforme os autores, como um fenômeno em si mesmo que está agregado ao sistema da cultura, pode-se entender que ela se materializa em textos e, em consequência, tanto as regularidades quanto as imprevisibilidades dos sistemas semióticos se projetam sobre eles – os textos. Por meio destes, são expressas e percebidas as comunicabilidades, as codificações, as alterações de códigos, as continuidades e descontinuidades da linguagem, bem como a ocorrência de mutações ou conservações dos modelos ativos. Por esse motivo, os textos observados no cotidiano e na mídia acerca da pandemia foram fundamentais para o desenvolvimento dessa reflexão e revelam a desterritorialização da linguagem do corpo.

A explosão semiótica da pandemia

É certo que as vivências desencadeadas mundialmente pela pandemia de covid-19 se mostraram, não apenas peculiares, mas alteraram drasticamente os modos de vida da cultura como um todo, afetando diretamente os sistemas de signos de que dispomos para nos comunicarmos. Os códigos passaram da regularidade para a irregularidade e as imprevisibilidades nos textos culturais foram muitas, gerando dificuldade de tradução e/ou momentos de intradutibilidade.

⁸ Nessa obra o sobrenome Uspenskii está registrado com dois ‘i’ e sem acento.

Pensemos nos modos como se organizaram novos códigos de ‘saúde’ na pandemia, por exemplo, para as interações pessoais presenciais com aquelas pessoas que não moram juntas (os encontros fortuitos no mercado, na rua,...): criou-se a interdição para dar as mãos, abraçar, tocar. Foram impostos códigos de separação de corpos, no mínimo, por dois metros de distância; as máscaras se tornaram uma prescrição dos sistemas modelizantes da saúde. Codificações que visam salvar vidas, mas que carregam também outros sentidos: de perigo, de possibilidade de morte, de separação, de individualidade.

Uspenskii (In LOTMAN, USPENSKII, IVANOV, 1981, p.87) defende que o código “unifica o *socius* ao criar entre seus membros as condições duma comunicação (...). Por outro lado, organiza a própria informação, determinando uma seleção de factos significativos assim como o estabelecimento de um nexos preciso entre eles”. Em constante atualização, há nele uma série de hierarquias, ordenadas em correlação com os movimentos da cultura e, por consequência, com os sistemas semióticos. É preciso levar em conta, além disso, que ele não se configura da mesma forma na dimensão do emissor e na dimensão do receptor. Lotman (1999, 2000) entende, portanto, que esse conceito supõe a história e a existência de uma memória (LOTMAN, 1999, 2000), indicando que deve ser entendido também na relação com o eixo diacrônico e com a dinamicidade cultural. Nessa perspectiva, por um lado, se pode entender melhor a recuperação de códigos e textos de outras epidemias, pandemias e surtos, de acordo com os princípios da ciência. Por outro lado, é possível compreender as dificuldades de tradução, usos e incorporação dos códigos por aqueles que não tinham a vivência dessas regularizações e normatizações. Essa “anarquia” que ocorreu nos sistemas semióticos se materializou nos corpos e as intradutibilidades geram ansiedade e insegurança.

Esse cenário mostra com nitidez a configuração de explosões semióticas que foram e estão sendo geradas nesse momento de pandemia. Uma explosão semiótica ocorre nos momentos em que os sistemas são atravessados pela imprevisibilidade em velocidade elevada, causando rupturas nos modos de tradução dos textos culturais e forçando-os a uma nova fase: de ressignificação e de reorganização dos códigos implicados. Assim, a pandemia de covid-19 se configura, sem dúvida, como uma explosão semiótica pela forma como atingiu todas as partes do planeta, inclusive as que não foram tão afetadas pela doença. Essa experiência colocou em ação o conceito de tensão, fazendo pressão sobre os códigos existentes em diversas instâncias da cultura, provocou ruídos de todas

as ordens entre governos, sistemas de saúde, economia e as populações, causando um alto nível de irregularidades nas formas de vida das pessoas.

As imprevisibilidades semânticas, então, se multiplicam principalmente nos procedimentos de interação entre sujeitos, acionando a necessidade de adaptação de modos de comunicação, destacando-se o tensionamento dos modos de presença. Em outras palavras, explodiram-se códigos de diversas áreas e foi necessário criar rapidamente formas de existir alternativas, mobilizando a estrutura rizomática pluridimensional dos códigos. Esta situação irrompeu como um mecanismo inesperado e instantâneo de alteração da realidade cultural.

Segundo Lotman (1999; 2000), a mente humana está aparelhada para extrair determinadas suposições do curso geral das coisas, mas não está preparada para a casualidade, a qual interrompe a cadeia de causas e efeitos a que o sistema semiótico (e a mente) está (ou estão) acostumado(s), gerando um campo minado de grande densidade de informações. O processo de explosão não prevê o caminho, não tem um percurso pré-definido. A busca da significação, entretanto, sempre está em movimento e mesmo em casos mais complexos, antes de prosseguir a semiose, o enunciatário busca descobrir algumas indicações sobre quais os códigos estão associados a determinada mensagem e como deve decodificá-los. Por isso, é necessário considerar que mesmo o que é novo e individual deriva de alguma tradição cuja memória é atualizada em textos e, desse modo, os espaços, que a princípio são de não-intersecção, vão tensionando o processo comunicativo e impulsionando para o deciframento dos textos ali nascidos (LOTMAN, 1996, 1999, 2000).

Lotman propõe a arte como o lugar em que a explosão se realiza com mais intensidade, mas, nesse momento vivido, outros textos culturais trazem, sem tanto encanto, a potência da explosão em si. Ela opera como o lugar de um brusco aumento da informatividade de todo sistema, o que, num primeiro momento, causa incompreensão. Pensar o processo da pandemia como uma explosão é pensá-lo também como brusco aumento da informatividade, desde a necessidade de explicação científica sobre o vírus até as maneiras como ele afeta todos os contextos que o envolvem (e são muitos: a saúde, a educação, a política, o entretenimento, o trabalho, as famílias, a economia, dentre outros).

A maioria dos sujeitos inseridos nessa cultura procuram as mídias para “desintrincar” tantas informações e procurar caminhos de tradução. Dessa forma, as

mídias assumem um papel importante na tradução dos acontecimentos, legitimando novos sentidos e, ao mesmo tempo, entrando em lutas de força para produção de conteúdos e consolidação de códigos e discursos. Além disso, as semióticas a-significantes (DELEUZE; GUATTARI, 2011) se fazem mais evidentes, excluem os usuários, constituindo uma espécie de sociedade do discurso (FOUCAULT, 1996) sem permutabilidade. Esse aumento de informatividade mediado pela televisão, pelas redes sociais, pelos portais de notícias, entre outros meios, deixa evidente uma *infodemia*, ou seja: uma exorbitância de notícias, dados, explicações que direcionam as semioses, gerando medo e ofuscando determinados problemas. Essa mediação, muitas vezes, nos impede de fazermos nossas próprias traduções e nos estimula a aceitar os sentidos já prontos. Ainda que os sujeitos comunicantes buscassem descobrir indicativos sobre quais códigos estão associados a determinadas mensagens e como deveriam processar a decodificação, a alta densidade de informatividade criou dificuldades e confusão.

O processo de tradução, de nosso ponto de vista, tem papel chave aqui. Por meio dele, um texto se transforma em outro texto usando recursos de linguagens, códigos e se vale dos sistemas modelizantes que estão disponíveis na cultura. A tradução se torna importante porque, quando realizada em sistemas complexos de códigos ou códigos que precisam ser (re)modelizados, articula-se nas resistências de forças, nas possibilidades de indeterminações de sentidos e de reconstrução de percursos de sentidos.

O platô das espacialidades

Uma irregularidade que se destacou durante a pandemia foi o uso dos espaços pelos corpos e sua relação com os demais seres vivos e com os objetos. No período de covid-19 desterritorializações drásticas ocorreram, a começar pelo vírus que saiu da China e ocupou o planeta. Todavia, o domicílio preocupante do SARS-CoV-2 se tornou o corpo humano, um lugar de reterritorialização já que as hipóteses defendem que o vírus se transferiu do organismo de um animal.

As espacialidades são fundamentais para a comunicação humana, variando de cultura para cultura, mas essencial para a interação e, por conseguinte, para a sobrevivência da espécie. Em tempos de pandemia, as territorialidades do corpo humano foram drasticamente diminuídas pelos limites fronteiriços impostos, independentemente de a pessoa ser portadora ou não do vírus. Corpos que podiam transitar por todos (ou quase todos) os países, estados e cidades do planeta precisaram rever as espacialidades e

ficar dentro de suas fronteiras nacionais e, o que é pior, dentro dos limites de suas casas e, muitas vezes, isolados em seus quartos – quando tinham essa possibilidade. A interdição do trânsito no território, não apenas notabilizou o contraste dos espaços disponíveis, por exemplo, nas residências em relação ao número de corpos que as habitam, como também evidenciou a desigualdade de espaço individual no que diz respeito aos usos de transportes públicos e privados.

O entendimento da ocupação do espaço, bem como o estabelecimento de fronteiras⁹ têm importância na constituição de sentidos para os grupos culturais, sobretudo, a partir das oposições “dentro e fora” (pertencente e não pertencente, cultural e não-cultural, passível de tradutibilidade e de intradutibilidade). Os códigos de territorialidade que emergiram durante a pandemia são justificados pela preservação da vida, pela não contaminação e, por isso, foram autorizados a alterar drasticamente as territorialidades dos corpos. Nessa via, é importante observar que esses códigos se configuraram (ou se resguardaram) em biopolíticas¹⁰ (FOUCAULT, 1977-1978) que contaram com a submissão do corpo atravessado pelo medo da morte. O próprio Foucault (1988) desenvolveu reflexões consistentes acerca da docilização dos corpos pela disciplina e pelo controle. Escreveu sobre a peste no final do século 17 e sobre a lepra fazendo ver como os corpos foram manejados por reclusão no território e por contenção territorial, respectivamente. Ambas as experiências foram vividas na pandemia de covid-19 e manifestadas/expressadas em textos corporais de diferentes modos. Preciado (2020) vai além e entende que, nesse cenário, nossos corpos se transformam em espaços potentes de biopoder e nossas casas se tornam células de biovigilância. Tal perspectiva auxilia a compreender que a ocupação do espaço pela cultura tem forte relação com a manifestação de políticas *sobre os e dos* corpos.

Na interação presencial, quando necessária, os códigos delimitavam o distanciamento entre 1,5 e 2 metros, interditando o toque e impondo uma “bolha” que

⁹ A noção de fronteira se mostra com mais expressividade na SC quando o conceito de semiosfera é desenvolvido por Lotman. A fronteira é entendida como um espaço ambivalente, que, por meio de uma membrana filtro, coloca em correlação o dentro e o fora. É importante observar que a noção de fronteira, separando o espaço interno do espaço externo da semiosfera, é apenas sua primeira distinção. Na verdade, todo o espaço da semiosfera é transpassado por fronteiras de diferentes níveis.

¹⁰ Suscintamente o termo biopolítica se refere [a manifestação de tecnologias de segurança que visam o controle social, bem como modificar aspectos biológicos da espécie](#). Foi usado pela primeira vez do livro História da Sexualidade I, indicado nas referências e, posteriormente, desenvolvido em obras como “Em defesa da sociedade”, “Segurança, território e população” indicada nas referências e “O Nascimento da biopolítica”.

buscava fazer o indivíduo escapar do contágio. Não se pode deixar de apontar, também, a interdição dos espaços de afetos que foram drasticamente atrofiados pelo afastamento de familiares, namorados, vizinhos e amigos cuja única alternativa foi se comunicar pelo modo remoto. Foi assim que o território da internet se intensificou vigorosamente, tanto como forma de consumo, trabalho, produção de conteúdos, entretenimento, quanto forma de afeto. Dentro desse território, os corpos se deslocam velozmente, são enquadrados pelas “cabeças cortadas”, na maior parte do tempo ou seja, por planos fechados que só mostram até a altura dos ombros. O que se evidenciou nesse espaço também foi a desigualdade de acesso, a diferença de qualidade de aparelhos e de domínio da tecnologia. A realidade das aulas remotas não só reenquadrou os corpos de professores e alunos, mas os tensionou no desempenho midiático e mostrou assimetrias entre classes sociais, escolas públicas e privadas, temporalidades.

Por fim, é necessário observar que os códigos pandêmicos de espacialidades foram tensionados de muitas formas – por ignorância, desconhecimento, ingenuidade, mediocridade¹¹ e criatividade.

Platô das tatilidades

Nos textos que envolvem a pandemia, as espacialidades e as tatilidades estão em interrelação. Menos evidenciados nos processos comunicativos, os traços distintivos que envolvem as tatilidades têm sua expressividade realizada pelo maior órgão do corpo humano, a pele e, como já se sabe, o toque pode ser experienciado em objetos, em outros seres vivos ou em qualquer das partes que recobrem o próprio físico. Observa-se que, mesmo antes da pandemia, as tatilidades sofrem um regramento bastante severo pelos sistemas modelizantes, tornando o toque, em grande parte das vezes, proibitivo ou contraindicado em público, sobretudo entre pessoas que não têm intimidade. É provável que isso ocorra porque o sistema modelizante do corpo correlaciona as tatilidades à intimidade e prevê semioses da ordem da sexualidade, mas também da familiaridade, do carinho, da agressividade (através de um soco, por exemplo), da raiva e do ódio. Em tempos de SARS-CoV-2 tocar se tornou potencialmente fatal. Os gestos de abraços e beijos foram vedados e, como é de praxe, a falta leva ao aumento da demanda e do desejo.

¹¹ Ainda que seja muito estimulante falar dos textos culturais medíocres e sorrateiros que circularam durante a pandemia, sobretudo no âmbito político, esse tema já foi parcialmente abordado por mim em outros textos e perderia a originalidade.

A interdição do toque em outro ser humano, entretanto, desencadeia “deficiência” afetiva e sentimento de solidão, podendo ser um acionador de quadros de depressão.

Judith Butler (2020) vai em outra direção, escreveu um texto sobre como a covid-19 evidenciou os sentidos contidos nas relações dos corpos com os objetos, com “as superfícies do mundo” nas palavras da autora. As questões concernentes ao toque emergem com força nessa abordagem, já que, costumeiramente, não nos damos conta de que deixamos nossos traços em tudo que tocamos e, em tempos de pandemia, isso afeta a próxima pessoa que pousar ou esbarrar alguma parte de seu corpo na mesma superfície. É possível inferir que os objetos mediam vínculos de tatilidade entre as pessoas e, ao mesmo tempo, oferecem os traços do vírus – sempre invisíveis. Dessa forma, os textos culturais de consumo de bens, como ir ao mercado, precisaram ser recodificados, pela higienização das mãos e dos carrinhos, uso de luvas, distanciamento nas filas do caixa, limitação de número de clientes na loja, uso de máscara, até mesmo impressão automática do ticket de estacionamento. Butler (2020, s/p.) nos faz lembrar que o “[...] objeto carrega o traço de humanos que nós não conhecemos; o objeto conecta pessoas de modos invisíveis, às vezes indecifráveis; logo, pessoas são interconectadas e não apenas indivíduos isolados”. No pedido de tele-entrega fica mais evidente que os traços do vírus e os traços do outro estão presentes e em interrelação, se materializam no produto entregue, no cartão de crédito ou no dinheiro. No entanto, é o trabalhador (que leva o pedido) o mais vulnerável, já que não tem condições de se proteger da mesma maneira que os demais e não para de circular e tocar as superfícies do mundo. Essa realidade se estende ao transporte público e a outros locais públicos sobre os quais temos pouco controle e com os quais muitos trabalhadores precisam conviver diariamente.

O platô da morte

Um resultado evidente que a pandemia nos trouxe foi a morte. Por isso, o acontecimento mundial repercutiu tanto em todas as esferas humanas. A morte – horror de tantos – está entre os grandes universais da raça humana, constituindo-se em potência primitiva e, como tal, faz com que sejam construídas formas de expressões consensuais, de maneira a gerar significações para que se possa lidar com ela. Esse é um dos motivos pelo qual ela recebe importância na mídia e tem espaço de choque e comoção na vida cotidiana.

Se, conforme a psicanálise, a morte enquanto imagem traumática permanece sem representação, a superação do trauma demanda do homem a organização simbólica desse evento. Para Baudrillard (1996, p. 181), o “simbólico (...) é um ato de troca e uma relação social que leva o real ao fim, que resolve o real”. Ora, a simbolização se constitui na possibilidade de representar algo por meio das lógicas dos hábitos e das leis, instituindo relação específica entre significante e significado. As semioses usuais da morte – recorrendo à memória, à imaginação, às impressões psíquicas e culturais – ocorrem, então, através de rituais, cerimônias religiosas, sonhos, alegorias, contos de fada, jogos, entre outros. Nesse artigo recortamos para esse platô apenas as imagens midiáticas da morte.

No que tange às mídias e aos textos da morte por Covid-19 – e especialmente às imagens midiáticas – viabilizam-se traduções bastante específicas (e, ao que parece, limitadas), especialmente quando o corpo-cadáver é colocado em evidência. É importante lembrar também que a configuração da morte em signos imagéticos ganha muita força justamente por se tratar de um universal que é abstrato e, portanto, o signo não tem um objeto ‘material’ que o referencie. A morte, dessa forma, pode ser representada de diferentes maneiras, por signos diversos, mas o modo mais comum é pelo corpo sem vida, o cadáver, o qual tem poder de causar impacto justamente porque cria correlação de oposição ao corpo vivo.

No reconhecimento atento de imagens midiáticas informativas, pode-se dizer que predomina a tentativa de uma representação semiótica da morte pela substituição amenizada, a maioria delas não assume os signos de corpos mortos. Ao contrário da tendência assumida pela imagem artística ou imagens informativas premiadas, a morte é representada por simulacros que tendem a apagá-la e a naturalizá-la, uma vez que se configuram pelos modelos jornalísticos da ética do óbito. As imagens informativas têm a função de ilustrar as notícias e trazer o maior número de dados possíveis sobre os fatos, ao mesmo tempo que os resumem. Segundo Sousa (2004, p. 9), elas assumem o papel de “um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao Planeta”. Como parte de uma área específica, ou cópia assumida das produções dessas áreas, tais imagens também assumem técnicas e estéticas próprias que se adequam a sua linguagem e seguem os seus padrões.

No noticiário e em programas informativos, por exemplo, o corpo morto da pandemia se constitui, muitas vezes, pela ausência de um corpo físico e na presença, em

seu lugar, de signos que o personificam criando modelos de representação: cruces, caixões e túmulos, grande número de covas abertas, sacos pretos em macas, cemitérios em plano geral, pessoas chorando, pessoas vestidas com equipamento de proteção médica e, até mesmo, pacientes intubados – e, portanto, ainda vivos. Estabelece-se, em geral, a configuração de textos que trazem a ausência de um corpo morto, sendo esse substituído por elementos que estão em contiguidade, com força de ‘lei’, mas também como simulacros e simulações da morte que seguem um modelo prévio de representação. Foi essa ausência da morte e do morto que se pode verificar nas imagens que tratavam dos óbitos da pandemia. Ausência do cadáver, ausência ritual, social e antropológica, já que as vítimas não podiam ser veladas (pela possibilidade do contágio), impossibilitando a (re)simbolização do luto porque não podia haver contato com o cadáver e nem o seu velamento – os corpos ficavam em sacos pretos nos necrotérios, os caixões eram fechados e lacrados, os mortos eram enterrados rapidamente. Opacidade total da morte porque, muitas vezes, nem se sabia com certeza a sua causa, já que não havia exames, documentos, atestados de óbito específicos.

É importante lembrar que, fora do quadro da pandemia, a mídia tem outro formato para exibir cadáveres de sujeito com reconhecimento público – mas apenas desses. Nesses casos, os engendramentos exibem o cadáver em um caixão e/ou cerimônia fúnebre e, assim, os programas informativos realçam o caráter social e antropológico da morte através de um acontecimento que reúne sujeitos em luto congregados em velórios, féretros e/ou enterros.

Baudrillard (1996 e 2005) defende que muitas informações podem promover a desertificação do corpo e a imagem midiática retrata esse fenômeno de várias maneiras. Talvez os modos mais relevantes sejam o de promover a perda dos sentidos mais profundo da própria morte pela via do apagamento, da criação de opacidade, por um lado, e da exibição, da banalização, da dissecação do corpo morto, por outro. Se, na contemporaneidade, o consumo e as imagens se interpõem entre o ser humano e suas angústias existenciais, o que o espectador sente ao consumir a morte em imagens ficcionais pode ser uma maneira de isentá-lo de sofrimentos mais profundos e atroz, é possível entender que, nelas, a vida transmuta-se em espetáculo espectral que permite o apagamento do enigma da morte. Mas, será que se dá o mesmo em imagens informativas? Pelo que foi possível colher nessa cartografia, a morte, temática recorrente na pandemia, aparece em grande parte das vezes em signos racionalizados de gráficos e números. Mas,

sobretudo, em modelos de simulacros que constroem metáforas pouco criativas, apresentando signos *hipo-reais* de covas em série, coveiros e profissionais de saúde com equipamento de proteção, raros pacientes intubados, fotografias 3 x 4 de diversas vítimas (ainda vivas), caixões lacrados, sacos para óbitos¹². Resta perguntar: que produção de sentido se constitui nessa opacidade que traz a ética do apagamento da morte e do morto como motivação?

A perda de profundidade da morte a sua reconfiguração num simulacro de óbito pela utilização de um modelo que configura o apagamento e a opacidade do original não é capaz de apaziguar os elementos traumáticos que rondam esse evento (como pode fazer a ficção). Os textos imagéticos da pandemia estudados aqui parecem se construir pela naturalização da morte por meio de um modelo informativo, o qual que abre espaço para a ausência de signos potentes de mortes. Obviamente, esse texto não é uma apologia a imagens midiáticas que mostrem a profusão de cadáveres da Covid-19, ou o sofrimento que antecede a morte por essa doença. Antes, esse texto é uma problematização do modelo de representação da morte construído por uma ética da informação que leva à naturalização de sentidos e ao apagamento da gravidade desse evento. Afinal, como observa Baudrillard (1996, p. 95), “de início se estabelece uma crise de representação pelo esvaziamento do signo”.

Considerações finais

Esses processos de explosão semiótica que verificamos nesse momento de pandemia de covid-19 estão refletindo as tensões da cadeia comunicativa, as capacidades de tradutibilidade dos sujeitos, bem como as disputas de sentido e as lutas de força entre discursos. Nesse processo, os códigos se atualizam em diferentes velocidades e o incompatível se transforma em adequado, o intraduzível em traduzível. Em algum momento, esses sentidos têm a possibilidade de serem reterritorializados com forte tendência à incorporação e à assimilação pelo sistema. Em outros momentos, os sentidos podem ser desconsiderados e são expelidos da semiosfera podendo ficar desterritorializados por tempo indeterminado. É relevante reter que, na situação da pandemia, os modos como as linguagens e os códigos da cultura vão se rearranjar serão percebidos de todo somente após esse processo, ainda que já possamos detectar muitos

¹² Os sacos plásticos pretos que carregam os cadáveres.

indícios desses procedimentos como, por exemplo, uso de comunicação remota, os novos modos de convivência, de modelo de trabalho, de padrão educacional, e, não podemos esquecer, de biopolíticas e necropolíticas¹³ (MBEMBE, 2018). Nessa paisagem, verificamos posições distintas entre o saber e a verdade que se manifestam nos processos de semiose com muita força.

Muitos textos culturais ainda precisam ser processados semioticamente, principalmente os relativos ao corpo morto e a ausência do ritual do luto que atravessou o planeta. Nessa esteira vêm a insegurança, o medo, os novos modos de vida e, portanto, a convivência com novos códigos, o esforço para produção de novas semioses.

Os textos semióticos observados permitem delinear uma possível semiosfera da pandemia que tem em seu relevo o vírus, a ciência, os governos, a comunicação, mas também o corpo humano. Observar as comunicabilidades desse corpo, considerando suas linguagens, códigos e semioses, possibilita apreender as políticas circulantes e os significados da própria pandemia. Esta mostrou, por exemplo, que os corpos que tiveram que permanecer nas suas atividades profissionais, e foram essenciais nesse período, – como os trabalhadores da saúde, de tele entrega, entre outros – são vulneráveis e, ao que parece, facilmente substituíveis. Em contrapartida, exibiu corpos que importam, corpos protegidos (até certo ponto) por planos de saúde, privilegiados por não precisarem circular em locais públicos e com espaço físico para o distanciamento social. O período de covid-19 também exibiu a proliferação de cadáveres e o tratamento desrespeitoso aos mortos de acordo com os rituais fúnebres do mundo contemporâneo. Evidenciou a dependência que temos do mundo neoliberal (que mesmo balançado pelo vírus, resistiu firmemente) atrelado ao consumo, ao desemprego e à desimportância da vida que não é produtiva.

A pandemia também tensionou aspectos que não são tocados pelas biopolíticas, tais como os afetos, o sentido da existência, a vida. Por essa via, a vontade de potência (FOUCAULT, 1988) dos corpos pode se manifestar e criar estratégias ativas contra as tentativas de subordinação e docilização, buscando a inventividade. Entre as tantas manifestações de vontade de potência do corpo – ainda que possam ser consideradas de pouca intensidade – observou-se a constituição de territórios de criação e resistência em: shows de música em varandas ou telhados para apreciação dos vizinhos; *lives* gratuitas de cantores famosos; abraços “plastificados” que permitem um toque aceitável na

¹³ Necropolítica é um termo usado por Mbembe para tratar das políticas de morte em extensão às biopolíticas trazidas por Foucault.

preservação da vida; aplausos da equipe de saúdes aos doentes recuperados quando saem do hospital; auxílio a vizinhos idosos fazendo as compras no supermercado; coletivos de apoio para levar informações e conhecimentos sobre o vírus; arrecadação e distribuição de itens de higiene pessoal para pessoas vulneráveis; reflexões sobre as condições ambientais do planeta e sobre o consumismo.

Todos/as puderam olhar para o rosto da morte e produzir semioses. Resta refletir sobre os movimentos de inflexão da semiosfera da pandemia, ou seja, o esgotamento das tantas mutações que se apresentaram e as possibilidades de retomada de padrões e regramentos anteriores, em detrimento da exclusão de determinados códigos e textos. Pode-se aceitar que diversos novos textos que nos atravessaram nesse tempo buscaram não apenas preservar a vida produtiva, mas fazer valer a existência, como os citados no parágrafo anterior. Eles nem sempre se apresentaram com intensidade, nem mostraram a potência que desejaríamos, mas, esses sim, deveriam ser incorporados à semiosfera do planeta e assimilados pelos corpos.

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. **A Troca Simbólica e a Morte**. São Paulo: Loyola, 1996.
- BAUDRILLARD, Jean. **Tela Total**: mito-ironias do virtual e da imagem.
- BUTLER, J. **Traços humanos nas superfícies do mundo**. Texto page. Edições n-1, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/75>. Acessado em 20/11/2021.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 2. São Paulo, Editora 34, 2011.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo, Martins Fontes, 2008.
- KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**. 19 (1). Abr 2007.
- LOTMAN, Y.; USPENSKII, Boris; IVANÓV, V. **Ensaio de semiótica soviética**. Lisboa: Livros Horizontes, 1981.
- LOTMANN, Yuri. **Cultura y explosión**. Barcelona: Editora Gedisa, 1999.

LOTMANN, Yuri. **Semiosfera I** - semiótica de la cultura e del texto. Madrid: Cátedra, 1996.

LOTMANN, Yuri. **Universe of the mind**: a semiotic theory of culture. Indiana: Indiana University Press, 2000 .

MACHADO, I. 2003. **Escola de Semiótica**. São Paulo, Atelier Editorial, 2003.

MBEMBE, Achylle. *Necropolítica*. São Paulo: Edições n-1, 2018. Porto Alegre: Sulina, 2005.

PRECIADO, P.B. **Aprendendo do vírus**. Texto page. Edições n-1, 2020. Disponível em: <http://agbcampinas.com.br/site/2020/paul-b-preciado-aprendendo-com-o-virus/>. Acessado em 20/11/2021.

SOUSA, João Pedro. **Fotojornalismo**: Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.